

ATAQUE BRUTAL

Três médicos são executados na Barra; uma das vítimas teria sido confundida com miliciano

ANA CAROLINA TORRES, GIULLIA VENTURA, JOÃO VITOR COSTA, LUIZ ERNESTO MAGALHÃES, PAOLLA SERIA E RAFAEL SOARES anac@oglobo.com.br

Três médicos que vieram ao Rio para participar de um congresso internacional de ortopedia num hotel cinco estrelas na Barra da Tijuca, uma das áreas mais nobres da cidade, foram executados a tiros num quiosque na orla da Barra da Tijuca, na Zona Oeste do Rio. As vítimas haviam acabado de pagar a conta e voltariam ao hotel onde estavam hospedados — que fica em frente ao local do crime, do outro lado da Avenida Lúcio Costa — quando, por volta de 1h de ontem, foram surpreendidos por criminosos que desembarcaram de um Fiat Pulse branco e atiraram pelo menos 33 vezes com armas calibre 9mm. O ataque durou menos de 30 segundos. Marcos de Andrade Corsato, de 62 anos, e Perseu Ribeiro Almeida, de 33, morreram ainda no local. Diego Ralf de Souza Bomfim, de 35, foi socorrido, mas não resistiu. Daniel Sonnewend Proença, mais um médico que estava com o grupo, foi ferido e conseguiu sobreviver.

CARACTERÍSTICAS PARECIDAS O crime, cometido num ponto turístico do Rio, gerou uma onda de comoção por todo o país. O presidente Lula afirmou, pelas redes sociais, que recebeu a informação "com grande tristeza e indignação" e determinou que a Polícia Federal acompanhe a investigação. Pelo fato de uma das vítimas, Diego Bomfim, ser irmão da deputada federal Sâmia Bomfim (PSOL-SP), inicialmente a polícia cogitou a hipótese de crime político. No entanto, ao longo do dia, a principal linha de investigação passou a apontar para a conexão entre o crime e uma guerra entre milicianos e traficantes pelo controle de favelas na Zona Oeste: segundo a investigação da Delegacia de Homicídios (DH), os médicos teriam sido mortos por engano, já que um deles teria sido confundido com um chefe da milícia de Rio das Pedras.

SUSPEITOS ESTARIAM MORTOS No fim da noite de ontem, policiais da Delegacia de Homicídios encontraram quatro corpos em dois carros na Gardênia Azul, bairro da Zona Oeste, perto da Barra. A suspeita é que sejam os assassinos dos médicos e que teriam sido mortos pelo tribunal do tráfico. Uma câmera de segurança do quiosque que flagrou a ação foi a primeira prova coletada pela polícia: as imagens mostram que os três criminosos usaram pistolas

ONDE FOI O CRIME

Quiosque fica em frente ao hotel onde aconteceu o congresso



As vítimas

MORRERAM



Diego Ralf Bomfim 35 anos



Marcos de Andrade Corsato 62 anos



Perseu Ribeiro Almeida 33 anos

INTERNADO



Daniel Sonnewend Proença 32 anos

Ação durou 25 segundos entre idas e vindas para o veículo

Ao todo, foram 33 disparos de pistola 9mm



1 À 0h59, um carro estaciona sobre a faixa de pedestres: três homens armados desembarcam e miram no grupo de ortopedistas.



2 Em cerca de cinco segundos, os três bandidos realizam os disparos. Os ortopedistas são atingidos: Daniel cai, Marcos permanece sentado. Diego inclina o corpo para frente, e Perseu cai na cadeira rolando de costas.



3 Dois bandidos voltam para o carro, mas o terceiro retorna e atira em Daniel, que se move em frente à mesa. Marcos morre sentado, Diego cai e Perseu se arrasta para trás do quiosque.



4 Os outros dois saem de dentro do veículo: o que está no carona vai para a área atrás do quiosque na direção de Perseu, outro volta à mesa onde estavam os ortopedistas.

e não se preocuparam em esconder o rosto durante o ataque. Após fazerem os primeiros disparos, eles ainda retornam e atiram mais vezes. Cada um dos médicos foi atingido por pelo menos cinco tiros. A atuação dos atiradores chamou a atenção dos investigadores, já que é diferente de como agiram em outras execuções recentes que aconteceram no Rio. Nos assassinatos da vereadora Marielle Franco do bicheiro Fernando Iggnácio, por exemplo, as vítimas foram monitoradas por meses e os assassinos planejaram cada detalhe da execução para não deixar pistas. No caso dos médicos, os



Investigação. O miliciano Taillon de Alcântara Pereira Barbosa, solto há menos de duas semanas, e o ortopedista baiano Perseu Ribeiro Almeida, que foi morto no quiosque

criminosos sequer se preocuparam em esconder o rosto diante de testemunhas — o que indica, segundo os investigadores, que o crime foi cometido às pressas, sem planejamento.

A ligação entre o crime e a guerra de traficantes com milicianos na Zona Oeste entrou no radar da polícia após a análise de uma comunicação entre traficantes interceptada pouco antes do ataque. "Acho que é Posto 2", disse um homem que, segundo os investigadores, faz parte da quadrilha que domina a Gardênia Azul. Apesar de o quiosque onde os médicos estavam ficar entre os postos 3 e 4, a polícia acredita que o criminoso tentava passar ao comparsa a localização do miliciano Taillon de Alcântara Pereira Barbosa, de 26 anos, filho de Dalmir Pereira Barbosa, chefe do grupo paramilitar de Rio das Pedras. A polícia já sabe que Taillon não estava na praia durante a madrugada, mas seus desafetos o teriam confundido com o ortopedista Perseu Ribeiro Almeida. De acordo com as polícias Civil e Federal, Perseu tem peso, altura, cabelo e barba parecidos com os de Taillon.

SOLTO HÁ POUCOS DIAS

Taillon teve a prisão preventiva decretada pelo crime de organização do miliciano em 2020, mas obteve livramento condicional há 13 dias e saiu da cadeia. O miliciano mora na mesma avenida em que os médicos foram assassinados, a 750 metros do quiosque. Desde o ano passado, Taillon e outros integrantes da milícia de Rio das Pedras viraram inimigos da quadrilha que domina a Gardênia Azul — grupo formado por ex-milicianos que, desde o ano passado, se aliou a traficantes da maior facção do Rio.

Outra prova que corrobora essa linha de investigação é o destino do carro usado no crime: o veículo foi rastreado e teve como destino a Cidade de Deus, favela de Jacarepaguá dominada pela facção aliada aos suspeitos dos homicídios. No início da tarde de ontem, a cúpula da Polícia Civil fez um pronunciamento sobre o caso. Sem responder a questionamentos de jornalistas, o secretário José Renato Torres se limitou a dizer que o crime "não ficará impune". Um representante do Ministério Público do Rio participou do pronunciamento. Pela manhã, o delegado-geral da Polícia Civil de São Paulo, Artur José Dian, afirmou que o assassinato foi, sem dúvidas, uma execução sumária. O governo de São Paulo enviou ao Rio dois delegados e seis agentes para ajudar nas investigações.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Rio **Página:** 19